

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA AFRICANA DE CHEIKH ANTA DIOP CANTADA PELO OLODUM

Mariana Bracks

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: marianabracks@academico.ufs.br

Resumo

“Eu falei faraó! Ê Faraó!”. Provavelmente, todo brasileiro sabe responder este refrão do Olodum. Este artigo busca discutir como a famosa música samba-reggae baiano contribuiu para a difusão das teorias do polímata senegalês Cheikh Anta Diop no Brasil. Através do Olodum, os brasileiros aprenderam que o Egito foi uma civilização negra e passaram a cantar sua ancestralidade africana com orgulho e alegria. Neste artigo discute-se o conceito de Consciência História Africana proposto por Diop e sua circulação no Brasil através das produções musicais dos blocos afro da Bahia. Analisamos como as músicas e as performances do bloco Olodum serviram para politizar o carnaval e fazer trazer ao público brasileiro teorias afrocentradas, que na década de 1980 circulavam pelo mundo e chegaram ao público brasileiro através dos artistas e agentes culturais negros, não por meio da academia e da educação formal.

Palavras-chave: Pan-africanismo; samba-reggae; afrocentricidade; cultura afro-brasileira

CONSCIOUSNESS AFRICAN HISTORY OF CHEIKH ANTA DIOP SINGED BY OLODUM

Abstract

“Eu falei faraó! Ê Faraó!”. Probably every Brazilian knows how to answer this refrain from Olodum. This article seeks to discuss how the famous Bahian samba-reggae music contributed to the dissemination of the theories of the Senegalese polymath Cheikh Anta Diop in Brazil. Through Olodum, Brazilians learned that Egypt was a black civilization and began to sing their African ancestry with pride and joy. This article discusses the concept of African History Consciousness proposed by Diop and its circulation in Brazil through the musical productions of the Afro blocks in Bahia. The text analyzes how the songs and performances of the Olodum block served to politicize carnival and bring to the Brazilian public Afro-centered theories, which in the 1980s circulated around the world and reached the Brazilian public through black artists and cultural agents, not through academia and formal education.

Keywords: Pan-Africanism; samba-reggae; Afrocentricity; Afro-Brazilian culture

A restauração da consciência histórica africana por Cheikh Anta Diop

Cheikh Anta Diop nasceu em 1923 no pequeno vilarejo de Caytou, região de Dioubel (Baal-Cayor) no Senegal e é considerado como o mais importante intelectual negro do século XX responsável pela restauração da consciência histórica africana.

Seu pai, Massamba Diop, faleceu logo após seu nascimento e sua mãe Magatte Diop casou-se então com Cheikh Ibrahima Fall, o mais importante discípulo de Cheikh Ahmadou Bamba (1853-1927), o fundador da irmandade Mouride em 1883 – a maior confraria islâmica do Senegal atualmente.

Um aspecto da vida de Cheikh Anta Diop que costuma ser ignorado pela historiografia é o seu pertencimento a Tarika Mouride, que desempenhou grande peso na sua educação. Inclusive seu nome “Cheikh Anta” foi dado em homenagem a Cheikh Anta M’Backé, um dos irmãos mais jovens de Cheikh Ahmadou Bamba. O fato de Cheikh Ibra Fall ser seu padrasto é pouco destacado, mas sem dúvidas isso teve enorme importância em sua primeira infância e na formação de seus valores morais. Sabe-se que Diop conviveu intimamente com o líder Cheikh Ahmadou Bamba, que lhe instruiu no caminho do Islã e o abençoou desde bem jovem. Aos quatro anos de idade, Diop se iniciou nos estudos corânicos e seguiu o caminho da iluminação Mouride por toda sua vida.

Importante contextualizar que nesta época o Senegal estava sob dominação colonial francesa e seu próprio Marabu (líder espiritual), Cheikh Ahmadou Bamba, havia sido vítima do violento sistema colonialista, exilado por sete anos no Gabão e depois por mais cinco anos na Maurîtânia. Apesar de sua luta pacífica contra o colonialismo francês ser pacífica e não-violenta, Bamba foi visto como ameaça às autoridades francesas e sofreu perseguições por mais de 32 anos. Isto não pode mais ser ignorado quando pensamos na formação política e moral de Cheikh Anta Diop, que com certeza foi afetado pelos sentimentos anticoloniais durante toda sua juventude.

Além da dominação política e econômica, a África atravessou a conquista ideológica eurocentrista, que propagava que o continente não tinha história, que os negros jamais haviam sido responsáveis por um único feito de civilização.

O Senegal estava sob o violento domínio colonial da França, que se impunha nos campos militar, política, econômica e ideológica. Teóricos como Voltaire, Hume, Hegel, Gobineau,

Lévy Bruhl apresentavam a visão de uma África ahistórica e atemporal, cujos habitantes negros nunca haviam sido responsáveis por um único fato da civilização se espalhava através de escritos europeus. Este pensamento era repetido e ensinado nas academias europeias e africanas – onde se formava a pequena elite atrelada aos interesses imperialistas – e fomentava o racismo científico que legitimava a ultra exploração da África e de seus habitantes.

Cheikh Anta Diop iniciou os estudos em uma *tarika* – escola corânica – ainda bem pequeno, aproximadamente com quatro anos de idade. Na juventude cursou os estudos secundários em Dakar e St. Louis no Senegal, onde adquiriu uma formação multidisciplinar em humanidades e ciências exatas com grande destaque. O notável domínio que ele obteve da cultura europeia foi acompanhado pelo profundo enraizamento em sua própria cultura. Seu perfeito conhecimento do Wolof, sua língua materna, será uma das principais chaves que abrirão as portas para a civilização faraônica. Além disso, os ensinamentos do Alcorão o familiarizaram com o mundo árabe-muçulmano. Foi o domínio linguístico e cultural destas três matrizes – Wolof, árabe e europeia – que permitiu o desenvolvimento de suas principais teorias descritas a seguir.

Os autores europeus arbitrariamente ligaram o Egito ao Oriente e ao mundo mediterrâneo geograficamente, antropologicamente, culturalmente, retirando-lhe toda sua dimensão africana. Contra a esta falácia, Diop dedicou boa parte de sua pesquisa.

Cheikh Anta Diop foi estudar Física em Paris em 1946, incluindo-se na geração de intelectuais africanos que atravessou a Segunda Guerra Mundial, período em que os perigos da ideologia de superioridade da raça branca foram expostos com o nazismo alemão. Na França, Diop conheceu diversos estudantes africanos e antilhanos que compartilhavam a experiência do racismo e desumanização, sendo tratados como “raça inferior”. Foi neste contexto hostil que Cheikh Anta Diop pôs em causa, através de uma investigação científica metódica, os próprios fundamentos da cultura ocidental relativos à gênese da humanidade e da civilização, dando as bases teóricas para a derrubada do “racismo científico”. Diop assumiu a missão de restaurar a consciência histórica africana para possibilitar o “renascimento epistemológico da África”.

Durante a trajetória universitária em Paris, Diop participou ativamente da política e liderou movimentos estudantis. Como ele mesmo apresenta no prefácio do livro *A Origem Africana da Civilização*: “Eu comecei minha pesquisa em setembro de 1946; por causa da nossa situação colonial na época, o problema político dominava todos os outros” (Diop, 1967, prefácio, p. I). Neste mesmo ano, foi fundada a Assembleia Democrática Africana (RDA), o primeiro

movimento internacional na África Ocidental Francesa. Diop foi eleito Secretário-Geral dos estudantes da RDA em Paris a qual serviu entre 1950 a 1953, justificado em suas próprias palavras: “Eu senti que a África devia mobilizar toda a sua energia para ajudar o movimento a virar a maré da repressão” (Diop, 1967, prefácio, p. I).

Em 1951, Diop participou do Primeiro Congresso Político Pan-Africano de Estudantes em Paris em que reforçava a importância do papel dos estudantes africanos residentes na Europa para a politização, consciência da necessidade da independência das nações africanas. Sua participação também foi importante para a construção de uma Imprensa Negra na França. Em 1953 ele participa da construção do *Voie de l'Afrique Noire*, o órgão de comunicação dos estudantes da RDA em que publica na primeira edição o artigo *Rumo a uma ideologia política na África Preta*¹. Neste texto ele antecipa um resumo do cerne de suas reflexões mais importantes publicadas dois anos mais tarde pela editora *Presence Africaine*, outra iniciativa editorial de grande importância na luta pela conscientização da juventude negra pela libertação. A Revista *Presence Africaine* foi fundada em 1947 em Paris pelo senegalês Alioune Diop e tornou-se também uma editora em 1949. Raissa Brescia Reis sustenta que:

a revista procurou se posicionar, partindo do mundo intelectual, como interventora na imaginação e no fomento de soluções políticas e culturais para inserir novos participantes, principalmente africanos, inclusive estatais, no concerto internacional, por meio de bandeiras de solidariedade internacional/racial entre perspectivas locais e globais (Reis, 2020, p. 269).

O livro *Nations negres et cultures, de l'Antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique noire d'aujourd'hui* chegou ao público em 1955 através da editora *Presence Africaine*. Este livro representou uma revolução no pensamento universal sobre o desenvolvimento histórico da humanidade, sobretudo em relação ao continente africano. Aimé Césaire escreveu que *Nations Negres et cultures* foi o livro “mais audacioso que um negro jamais escreveu e que servirá, sem dúvida alguma, para o despertar da África” (Césaire, 1955, p. 41).

Em *Nations negres et cultures*, Diop expôs sua tese do Egito Negro, que havia sido rejeitada pela banca da Universidade de Sorbonne na França em 1951 alegando-se falta de provas. Diop só conseguiu o título de doutor em 1960 após reunir irrefutáveis comprovações científicas e sustentar oralmente sua tese por mais de nove horas.

¹ OBENGA, Théophile. Cheikh Anta Diop et les autres. *Présence Africaine*. [Nouvelle série, No. 105/106 \(1er et 2e TRIMESTRES 1978\)](https://www.jstor.org/stable/24349733), pp. 29-44 <https://www.jstor.org/stable/24349733>

A principal teoria exposta é de que o Egito Antigo foi uma sociedade negro-africana, criada e desenvolvida por pessoas pretas, conforme o próprio nome original já indicava: KMT ou Kemet designa “terra preta” ou “terra dos pretos”. A partir de centenas de evidências linguísticas, pictográficas, iconográficas e historiográficas, Diop sustentou que o Egito Antigo foi uma civilização criada e desenvolvida por pessoas pretas e que se conecta com história e cultura de todo o continente africano:

Os egípcios tinham apenas um termo para designar a si mesmos: *kmt*, = “os negros” (literalmente). Esse é o termo mais forte existente na língua faraônica para indicar a cor preta; assim, e escrito com um hieróglifo representando um pedaço de madeira com a ponta carbonizada, e não com escamas de crocodilo. Essa palavra e a origem etimológica da conhecida raiz *kamit*, que proliferou na moderna literatura antropológica. Dela deriva, provavelmente, a raiz bíblica *kam*. Portanto foi necessário distorcer os fatos para fazer com que essa raiz atualmente signifique “branco” em egiptologia, enquanto, na língua-mãe faraônica de que nasceu, significava “**preto-carvão**”. Na língua egípcia, o coletivo se forma a partir de um adjetivo ou de um substantivo, colocado no feminino singular. Assim, *kmt*, do adjetivo = *km* = preto, significa rigorosamente “negros”, ou, pelo menos, “homens pretos”. O termo é um coletivo que descrevia, portanto, o conjunto do povo do Egito faraônico como um povo negro (Diop, 2010, p. 21-22).

Para fundamentar sua tese, ele busca em escritos antigos, como Diodoro da Sicília, Ésquilo, Estrabão, Apolodoro, Sêneca, em que todos registraram a pele negra e cabelos “lanosos”² dos egípcios, até chegar a Volney, que no século XVIII registra a confissão da falsificação histórica:

Só de pensar que essa raça de homens pretos, hoje nossos escravos e o objeto de nosso desprezo, **é a própria raça à qual devemos as nossas artes, ciências e até mesmo o uso da fala!** Imaginem, finalmente, que é do meio de povos que se dizem os maiores amigos da liberdade e da humanidade que se aprovou a mais bárbara escravidão e questionou-se se os homens pretos têm o mesmo tipo de inteligência que os Brancos! (Volney, 1787, p. 74-77 *apud* Diop, 2010, p. 62)

Diop percebe e denuncia a fabricação da ideia de barbárie, a que os europeus identificavam as pessoas pretas e apresenta a revolucionária teoria de que foram os africanos que desenvolveram as primeiras civilizações que, séculos mais tarde, foram apropriadas para o desenvolvimento da civilização ocidental:

Os antigos egípcios eram Negros. O fruto moral da sua civilização deve ser contado entre os espólios do mundo Preto. Em vez de apresentar-se a história como um devedor falido, este mundo Preto é o próprio iniciador da civilização “ocidental” ostentada diante de nossos olhos hoje (Diop, 1974, p. 84).

Para Diop, foi através de uma falsificação da história que conseguiram classificar o Egito como parte do Oriente. Ele afirmava “O Egito não é o Oriente, é a África” e conclamava os

² Conforme descrição de Heródoto em *A História* [The History of Herodotus], traduzido por George Rawlinson, New York: Tudor, 1928, p. 115.

povos africanos para renascerem cultural e politicamente, uma vez que a ideia de superioridade branca havia ganhado as mentes de africanos:

Na verdade, muitos Africanos acham esta visão [do Egito Negro] bonita demais para ser verdade; não há muito tempo atrás alguns deles não poderiam romper com a ideia de que os Pretos são inexistentes cultural e historicamente (Diop, 1955, p. 6).

A tese de Diop é também uma denúncia contundente sobre como o Ocidente se apropriou dos avanços produzidos pela civilização preta e depois forjou a ideia de que foram eles, os europeus, eram os únicos “civilizados”: “As nossas investigações nos convenceram de que o Ocidente não tem sido calmo o suficiente e objetivo o suficiente para nos ensinar corretamente a nossa história sem falsificações grosseiras” (Diop, 1967, p. 36), escreveu ele.

Diop defendeu o princípio de que a pesquisa histórica deve contribuir para a conscientização dos povos africanos, cuja missão seria construir um Estado pan-africano como alternativa ao colonialismo.

Cheikh Anta Diop se dedicou a resgatar a história do continente africano desde a pré-história, através da investigação científica multidisciplinar de forma objetiva. É esta a primeira grande tarefa de Cheikh Anta Diop. Ele é, portanto, o refundador da história da África. Além do conhecimento do passado real da África e da humanidade em geral, Cheikh Anta Diop atribui quatro objetivos ao seu trabalho:

1) A restauração da consciência histórica africana: é a consciência de que a África tem uma história, uma história grandiosa, de desenvolvimento técnico científico. A “egiptologia” fora criada na Europa para sustentar a farsa da dissociação do Egito ao passado africano, em que recebe uma origem branca: indo-européia, semítica ou desconhecida. “Os egiptólogos europeus iniciaram – com o apoio dos Estados – o seu trabalho de interpretação, apagamento, sugestões, omissões, orientações, fixações” (Oliveira, 2019, p. 21).

A restauração da consciência histórica africana implica que a egiptologia seja desenvolvida na África negra e que a civilização núbio-egípcia seja revisitada em todas as áreas pelos próprios africanos: “Só o enraizamento de tal disciplina científica [Egiptologia] na África negra levará a apreender, um dia, a novidade e a riqueza da consciência cultural que queremos despertar, a sua qualidade, a sua amplitude, o seu poder criativo” (Diop, 1991, p. 82)

Diop defendeu que várias ciências e tecnologias que são ensinadas como sendo criações europeias já existiam no Egito tendo sido desenvolvidas por pessoas pretas:

Na medida em que o Egito é a mãe distante da ciência e cultura ocidentais, como você verá ao ler este livro, a maioria das ideias que chamamos de estrangeiras são apenas imagens borradas, de cabeça para baixo, modificadas, aperfeiçoadas, criações de nossos ancestrais: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, dialética, teoria do ser, ciências exatas, aritmética, geometria, mecânica, astronomia, medicina, literatura (romance, poesia, drama), arquitetura, artes, etc. [...] Tanto quanto a tecnologia e a ciência moderna vêm da Europa, tanto na antiguidade, o conhecimento universal fluiu do vale do Nilo para o resto do mundo e, em particular, para a Grécia, que servirá de elo intermediário. Consequentemente, nenhum pensamento é, na sua essência, estranho à África, que foi a sua terra natal. É, portanto, em total liberdade que os africanos devem sorver do patrimônio intelectual comum da humanidade, deixando-se guiar apenas pelas noções de utilidade e eficiência (Diop, 1991, p. 88)

2) A restauração da continuidade histórica passava por refletir sobre a evolução das sociedades e Estados africanos, no espaço e no tempo a em particular desde a pré-história até o século XVI, o período mais incompreendido. Cheikh Anta Diop insiste em seus escritos sobre o fato de que a pesquisa sócio-histórica tem potencial de transformação social, está longe de ser concebida como uma retirada para dentro de si ou um simples deleite no passado: “O papel da sociologia africana é fazer um balanço do passado para ajudar a África a enfrentar melhor o presente e o futuro” (DIOP, 1967, p. 54).

O estudo sócio-histórico das civilizações africanas permite identificar os valores que as engrandeceram e os fatores que provocaram o seu declínio, para traçar estratégias de desenvolvimento do continente.

3) A construção de uma civilização planetária: Cheikh Anta Diop pretendia contribuir “para o progresso geral da humanidade e para o surgimento de uma era de compreensão universal”. Defendia que a espécie humana é uma só, criada e desenvolvida no continente africano, sendo a noção de raça uma construção anticientífica e ideológica, que deveria ser superada. “Todos nós aspiramos ao triunfo da noção da espécie humana nas mentes e nas pessoas consciências, de modo que a história particular de tal e tal raça se desvanece perante a do homem como um todo” (Diop, 1967, p. 63). Interessante observar que sua hipótese antecede as descobertas do fóssil Lucy, que confirmou cientificamente a origem da espécie humana em África. O acesso a esse futuro desejado exige, portanto, o rompimento com o racismo. Romper com a “mentira cultural” que consistia em negar a humanidade dos negros, em negar a história da África. Essa “mentira cultural” ainda hoje reside na negação da pertença do Egito faraônico ao mundo negro-africano, bem como na minimização do papel civilizador desse Egito na Antiguidade” (Diop, 1967, p. 66). Diop reafirma a unidade biológica da espécie humana, fundamento de uma nova educação que rejeite qualquer desigualdade e hierarquia racial: “Então o problema é reeducar

nossa percepção do ser humano, para que ele se desvincule da aparência racial e concentra-se no humano livre de todas as coordenadas étnicas” (Diop, 1982, p. 137-141).

4) O renascimento africano. A sua proposta para se alcançar o “renascimento africano” é a criação de um Estado Federal, que seria “uma emergência continental porque tal entidade geopolítica seria capaz de assegurar, estruturar e otimizar o desenvolvimento do continente africano: na encosta do seu destino federal” (Diop, 1960, p. 4). O Estado federal ofereceria um espaço político e econômico, seguro e suficientemente estabilizado para que se possa implementar uma fórmula racional para o desenvolvimento econômico dos nossos países com diversas potencialidades (Diop, 1984).

Cheikh Anta Diop conclui seu livro *Les fondements économiques et culturels d'un État fédéral d'Afrique Noire* com quatorze propostas de ações concretas que vão desde o campo da educação até o da industrialização. Entre outras coisas, ele observa uma dupla necessidade vital: a definição de uma política de investigação científica eficaz:

África deve optar por uma política de desenvolvimento científico e intelectual e pagar o preço por isso; sua vulnerabilidade excessiva dos últimos cinco séculos é consequência de uma deficiência técnica. O desenvolvimento intelectual é o caminho mais seguro para acabar com a chantagem, o bullying, a humilhação. A África pode voltar a ser um centro de iniciativas e decisões científicas, em vez de acreditar que está condenada a permanecer o apêndice, o campo de expansão econômica dos países desenvolvidos (Diop, 1960, p. 36)

Diop entende a cultura como instrumento capaz de conduzir a tomada de consciência da unidade africana. Ele tinha o propósito de mapear as características compartilhadas que favoreceriam as bases de um Estado multinacional na África:

Por certo, no decorrer desta luta, as armas culturais serão desde já necessárias ninguém pode prescindir delas. Por isso há que forjá-las simultaneamente dentro da estrutura da nossa luta pela independência nacional. A cultura estará então essencialmente a serviço da luta de libertação nacional (Diop, “Apports et perspectives culturelles de l’Afrique”. *Presence Africaine*, n.8-9-10, (1956), p. 342 *apud* Reis, 2020, p. 239).

Em sua longa trajetória, ele liderou estudos em diversos campos como física nuclear, paleontologia, antropologia, linguística, história – um verdadeiro polímata. Foi o responsável pela construção do primeiro – e até hoje o único – laboratório de Carbono 14 no continente africano, inaugurado em 1966 no então *Institut Francophone d'Afrique Noire* (IFAN, atualmente *Institut Fondamentale d'Afrique Noire*), ligado à Universidade de Dakar, instituição que hoje leva seu nome.

Todos os esforços científicos para reconectar os sujeitos africanos a sua própria história, a história de grandiosidade, prosperidade, criatividade e do desenvolvimento tecnológico do continente africano. A Antiguidade Negra expressa o gênio inventivo e construtivo próprio do povo africano, que desde os primórdios da humanidade, cria a história (Mbelek, 2014).

É importante salientar que no contexto de produção de Cheikh Anta Diop, o que se ensinava nas academias europeias era a visão hegeliana, a ideologia da modernidade que sustentou o colonialismo e o eurocentrismo. Repare o que Hegel dizia em suas aulas na Alemanha na década de 1920:

A África não faz parte do mundo histórico, não manifesta nem movimento, nem desenvolvimento, e aquilo que ali aconteceu, isto é, no norte, resulta do mundo asiático e europeu... Aquilo que apreendemos, em suma, pelo nome de África, é um mundo a-histórico não desenvolvido, inteiramente prisioneiro do espírito natural e cujo lugar ainda se encontra no limiar da história universal (Hegel, 1884, p. 97).

O projeto colonial europeu passava por desconectar os sujeitos africanos de sua história e identidade. Precisaram apresentá-los como selvagens, brutos, presos apenas à natureza, desprovidos de qualquer racionalidade, de forma a justificar séculos de escravização e imperialismos. Neste sentido, a grandiosa civilização egípcia só poderia ser importada, de fora do continente. Foi Diop que desmistificou, de forma científica, esta “falsificação histórica” comprovando que a África não é apenas o “berço da humanidade” como também a “iniciadora de civilizações” (Bong, 2014).

O grande objetivo de Diop era “definir a imagem de uma África moderna reconciliada com seu passado e se preparando para o seu futuro” (Diop, 1960, p. 2). Para além de uma escrita da História da África Preta livre de mera cronologia, ele intencionava:

(...) definir as leis que governam a evolução das estruturas sociopolíticas Africanas, a fim de explicar o sentido que a evolução histórica tem tomado na África Preta. Portanto, tentar a partir de agora a dominar com maestria esse processo histórico pelo conhecimento, ao invés de simplesmente se submeter a ele (Diop, 1961, p. 8).

Théophile Obenga, discípulo quem deu continuidade as pesquisas sobre o Egito Negro, sintetizou a importância do mestre Diop:

Ao recusar o esquema hegeliano de leitura da história humana, Cheikh Anta Diop pôs-se assim a desenvolver, pela primeira vez na África negra, uma inteligibilidade capaz de dar conta da evolução dos povos negros africanos, no tempo e no espaço [...] Uma nova ordem nasceu na compreensão do fato cultural e histórico africano. Os diferentes povos africanos são povos “históricos” com seu Estado: Egito, Núbia, Gana, Mali, Zimbábue, Kongo, Benin, etc., sua arte, sua ciência (Obenga, 1996, p. 27-28).

Não cabe aqui citar todas as contribuições de Cheikh Anta Diop para a história do continente africana, posto que são várias e aconteceram em diversos domínios.³ Aqui cabe frisar sua importância para a reconstrução científica do passado da África e a restauração da consciência histórica:

O africano que nos compreendeu é aquele que, depois de ler as nossas obras, terá sentido nascer dentro de si um outro homem, animado por uma consciência histórica, um verdadeiro criador, um Prometeu portador de uma nova civilização e plenamente consciente do que toda a terra deve ao seu gênio ancestral em todos os campos da ciência, cultura e religião (Diop, 1991, p. 68)

Circulação das obras de Diop no Brasil

Como se percebe, foi forte o impacto das pesquisas de Diop, sobretudo para o pensamento eurocêntrico que viu suas premissas de superioridade serem confrontadas. Obviamente ele foi ridicularizado, difamado, de diversas formas vilipendiado:

Cheikh Anta Diop foi atacado não somente por historiadores competentes, mas também por pequenos escritores e jornalistas europeus incapazes de ler Heródoto ou Diodoro da Sicília no texto, mas que se arrogavam o direito de rejeitar desdenhosamente as crônicas egípcias destes historiadores conscienciosos (...) levando o preconceito racista e a má fé ao ponto de recusar o irrecusável, a saber, os traços negróides da Esfinge, por exemplo, ou o carácter egípcio de tais figuras negras (...) que a ciência da falsificação e da manipulação não podia ainda assim classificar como falsa (Hegba, 1976, p. 27).

É estarrecedor perceber que até hoje um cientista desta magnitude ainda não teve nenhum de seus nove livros publicado no Brasil. Apesar de figurar hoje entre as principais referências nos estudos africanos, pouco lemos Diop. Conhecemos mais o que escrevem sobre ele do que de fato lemos suas teorias. A falta de traduções para o português de grande maioria dos títulos e inacessibilidade de sua produção dificulta ainda que conheçamos o pensamento de Diop.

Atualmente circula no Brasil uma edição em português de *A Origem Africana da Civilização: Mito ou Realidade*, que contém partes selecionadas do livro *Nations Nègres et Cultures* (1955) e do *Anteriorité des Civilisations Nègres* (1961), a partir da tradução do inglês *The African Origin of Civilization*, publicada nos Estados Unidos em 1974. Não há neste PDF informações sobre os tradutores do inglês para o português, nem tampouco quem foram os editores.⁴

³ Para uma boa análise da contribuição de Diop para o pensamento universal, ver J.-M. ELA, *Cheikh Anta Diop ou l'honneur de penser*, Paris : L'Harmattan, 1989,

⁴ [Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civilização-ptbr-completo.pdf](#) Acesso: abril de 2023
Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun. 2023.
ISSN: 1982 -193X

O livro *L'Unité Culturelle de L'Afrique Noire*, publicado pela primeira vez em 1982 pela *Preséance Africaine*, ganhou uma tradução e edição bem elaborada pela Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, em Angola⁵. Este título faz parte da coleção Reler África, que inclui também a coletânea de artigos *A Consciência Histórica Africana*, organizada por Babacar Mbaye Diop e Doudou Dieng, com análises profundas sobre o legado de Cheikh Anta Diop. O coordenador editorial, o angolano Victor Kandjimba, sustenta na Nota de Apresentação da coleção:

Uma das lacunas do mercado editorial dos países de língua oficial portuguesa é a ausência, em língua portuguesa, de obras de referência de autores africanos e africanistas, que fizeram cátedra no domínio dos chamados “estudos africanos” nas academias dos países anglófonos e francófonos. A Coleção Reler África pretende colmatar essa lacuna (...)

Publicar e divulgar conhecimentos e saberes sobre África e provenientes de África é, assim, um desafio que a coleção abraça, contribuindo para a construção de uma nova epistemologia e uma nova hermenêutica dos estudos africanos no espaço lusófono, livre de estereótipos e de um olhar folclórico e exótico. Ao abraçar esse desafio, a coleção pretende ser uma galeria de conhecimentos e saberes de África e sobre África, que interpele os leitores e investigadores especializados a reler África para compreendê-la e reinterpretá-la.

O artigo *A Origem dos Antigos Egípcios* foi publicado na coletânea *História Geral da África* (volume II) patrocinada pela Unesco e traduzida e publicada no Brasil em 2010. É importante destacar que a concepção que orientou a escrita desta coletânea monumental da História da África a partir de uma perspectiva endógena é alinhada às pesquisas e militâncias de Diop⁶.

Olodum canta o Egito Negro

O Bloco Afro Olodum foi fundado por Geraldo Miranda, mais conhecido como Geraldão e mais três amigos no dia 25 de abril de 1979, na Rua Santa Isabel, nº 11, Centro Histórico de Salvador, Bahia. Sua primeira aparição no carnaval de Salvador foi em 1980 obtendo um grande sucesso. No carnaval de 1982, consegue levar às ruas a estrondosa marca de mais de 2000 integrantes.

⁵ DIOP, Cheikh Anta. Unidade Cultural da África Negra. Luanda, Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

⁶ KI-ZERBO. *História Geral da África*. Vol. I. Unesco/ Mec, Brasília, 2010. BARBOSA, Mmuryatan. *A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África* (UNESCO). Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo (USP), 2012.

A cultura a serviço da libertação do povo negro na África e na diáspora está bem explicitada em suas músicas desde 1984, quando o bloco homenageou a Tanzânia com a música *Ujaama*, um princípio filosófico em língua kiswahili que significa “economia criativa” e denominou o projeto político e econômico socialista implementado por Julius Nyerere a partir da independência do país em 1961. Um trecho da música expressa a conexão de diversos estados africanos com a consciência histórica pretendida no Pelourinho:

Relembrando velhos temas
Rei de Oyo
Guiné Bissau
Olodum cabeça de negro instrumento cultural
Olodum simboliza nossa cor
Canta negro Canta branco
Este canto ecoou
Pelourinho muitos negros conscientes
tem cabeças inteligentes esses negros estudaram
tanta cabeça
tanta cabeça de negro em um lugar só⁷

Nas palavras do seu dirigente João Jorge Rodrigues, nesta época o Olodum deixa de ser “um simples bloco” para abrir caminho em direção à “holding cultural” mantendo a África Negra como temática, mas adotando a explosiva “combinação de política e cultura” (Rodrigues, 1996, p. 15).

A partir de 1985, mais unificado internamente após a saída dos que divergiam da “combinação de política e cultura”, o Olodum começa a radicalizar um processo afirmativo de recuperação da autoestima baseado na valorização da cultura e das lutas negras. Para isto, a Revolta dos Búzios e Moçambique foram adotados como tema do carnaval de 1985.

Em 1986 o Olodum inovou ao trazer para o carnaval, pela primeira vez, a história do povo negro de Cuba, um país socialista e latino-americano, adotando-o como tema do carnaval. Mas é em 1987 que explode o “vulcão africano do Pelô” ao gravar seu 1º LP com vendagem superior a 50 mil cópias e, principalmente, com o sucesso da canção “Faraó”, do mesmo Luciano Gomes, que se tornou a música mais tocada no carnaval e nas rádios FM da Bahia, mesmo sem estar impressa em discos, mas a partir de gravações improvisadas.

Lançada em 1987, a música *Faraó* foi composta por Luciano Gomes, um importante compositor dos blocos afros de Salvador, mas ganhou amplo sucesso na voz de Margareth

⁷ Música *Ujaama* raça negróide, de Luciano Santos. Olodum, 1984.

Menezes, animada com as batidas dos tambores do Olodum. Pode-se dizer que é um dos refrões mais conhecidos e cantados do *Axé Music* das últimas décadas.

Faraó é oficialmente o primeiro samba-reggae gravado no Brasil, compõe o primeiro LP da banda Olodum, Egito Madagascar, que vendeu mais de 100 mil cópias.

Muito mais do que um refrão contagiante, a letra da música traz a narrativa de fundação do mundo conforme a mitologia kemetica ou egípcia, canta nomes das divindades primordiais fundadoras do universo, como Gerbi, Nuti, Osíris, Ísis, Horus. Conta a história do assassinato de Osíris por seu irmão Set, na música chamado Morsede Hiradu, e vingança empreendida por Hórus, filho de Osíris, que trouxe ordem ao caos, “Ao grito da vitória que nos satisfaz”. A música canta nomes de conhecidos faraós como Tutankhamon (c. 1341 - c. 1323 A.C.) e Akhenaton (c. 1352 - c. 1336 A.C), ambos governantes da décima oitava dinastia e faz referência à pirâmide de Gizé, a mais antiga das sete maravilhas do mundo antigo. Logo após ao emblemático “Eu falei faraó”, “É, eu clamo Olodum Pelourinho”, conectando África ao Brasil:

Pelourinho
Uma pequena comunidade
Que porém o Olodum unirá
Em laço de confraternidade

Despertai-vos
Para a cultura egípcia no Brasil
Em vez de cabelos trançados
Veremos turbantes de Tucamom

E nas cabeças
Enchem-se de liberdade
O povo negro pede igualdade
Deixando de lado as separações

A música tornou-se um hino de celebração ao orgulho de pertencer a África Negra, provoca a identidade entre comunidade do Pelourinho, em Salvador, ao Egito dos grandes Faraós. A partir desta música, divulgou-se no Brasil o entendimento do Egito como terra africana, negra, Kemetica. Podemos perceber que as teses de Cheikh Anta Diop circularam no Brasil não a partir da academia, mas através de artistas e intelectuais negros.

Abdias do Nascimento, como grande militante pan-africanista, foi um dos grandes responsáveis por trazer a referência de Diop e a ideia do Egito Negro ao Brasil. Em 1986, João Jorge, diretor de cultura do Olodum, visitou o Benin e a Costa do Marfim e trouxe exemplares do livro *Nations Negres et Cultures*, de Cheikh Anta Diop. “Sob a inspiração de Cheik Anta Diop

fizemos uma introdução do Egito negro africano no Brasil de forma pública”, registrou João Jorge. “Assim nossa homenagem a Cheik Anta Diop será sempre divulgar sua obra, quem foi, o que fez, e como seguimos sua ciência sobre o Egito africano”.⁸

Com a música *Faraó*, o bloco afro Olodum transmite ao público brasileiro as teses sustentadas por Diop de que o Egito foi uma civilização negro africana, cumprindo um papel social na circulação de teorias afrocentradas – o que a academia brasileira ainda não conseguiu absorver. Além disto, a música *Faraó* conecta esta grandiosa civilização africana com o povo negro baiano, promovendo com orgulho esta identidade promovendo a História Pública no Brasil.

O ano de 1988 marcou o centenário da Abolição da Escravidão no Brasil e o Olodum, como entidade do movimento negro que visa o resgate, a valorização e a preservação da cultura negra, tendo como um dos seus princípios a luta antirracista, se fez presente nos protestos. No dia 12 de maio, mais de 50 mil pessoas marcharam do Campo Grande à Sé em protesto contra a situação dos negros na Bahia e no Brasil com as músicas do Olodum embalando a manifestação. No carnaval, a história da colonização da Ilha de Madagascar foi o tema com a canção enredo “Madagascar Olodum”, de Rey Zulu.

Em 1989, o Bispo sul-africano Desmond Tutu visitou a Bahia, sendo recepcionado em 19 de maio pelo Olodum e outras entidades no Largo do Pelourinho. A música “Protesto Olodum” registrava as lutas contra o racismo travadas no continente africano, que tiveram forte impacto na diáspora: “*O Desmond Tutu/contra o Apartheid na África do Sul/vem saudando o Nelson Mandela/o Olodum*”.

O combate ao Apartheid também está presente na música *Luz e blues*, composta por Paulo Jorge e Jamoliva: “*Chega de tanta maldade/Olodum contra o apartheid/chega de tanta omissão/Pelourinho palco negrume/tens um brilho que reluz/forte revolucionário*”.

⁸ BAHIA JÁ. **30 anos de Cheik Anta Diop no Olodum, por João Jorge Rodrigues**. Salvador, 2016. Disponível em: <https://www.bahiaja.com.br/cultura/noticia/2016/02/18/30-anos-de-cheik-anta-diop-no-olodum-por-joao-jorge-rodrigues,89604,0.html> Acesso: maio 2023.

Considerações finais

Muitos estudos panafricanistas que abalaram as estruturas do pensamento contemporâneo chegaram ao Brasil por intermédio do grupo Olodum, que mostra sua força não apenas pela percussão potente e envolvente, mas também por sua capacidade de aglutinação e conscientização das massas.

O bloco afro Olodum é importante organização na difusão de ideias panafricanistas, ativo na luta pela construção da identidade positiva da comunidade negra brasileira que, através de suas músicas e performances, desperta sentimento de orgulho do pertencimento à matriz africana. O Olodum atua na promoção da igualdade racial e na formação política da juventude negra, exaltando as raízes africanas e a gloriosa História da África para a superação do racismo.

O Olodum vem desempenhando um primoroso trabalho de trazer as ideias de intelectuais africanos e afrodiaspóricos para as ruas de Salvador, e daí para todo o mundo, valendo-se da linguagem musical e da estética afro, com suas pinturas corporais, turbantes, abadás e vários símbolos que remetem às culturas africanas.

O samba-reggae tem a capacidade de mobilizar um grande contingente de pessoas nas ruas e através de suas batidas envolventes consegue transmitir valores civilizatórios africanos e reverenciar a ancestralidade negra conectando-a a identidade brasileira. O grupo mostra o poder que a cultura negra tem de reescrever a história e trazer “consciência de si” para a população negra brasileira. O Olodum, portanto, cumpre a função social, de difundir aspectos relevantes da História da África no Brasil de forma pioneira, já que autores africanos, como Diop, não são ainda hoje traduzidos e publicados por aqui. É através da musicalidade deste importante bloco afro que a população brasileira pode conhecer o Egito Negro e se identificar de forma positiva com o esplendor das civilizações africanas. “Que mara maravilha maravilha ae!”

Referências

BARBOSA, Mmuryatan. **A África por ela mesma**: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO). Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo (USP), 2012.

BONG, Bwemba. A ruptura da consciência histórica africana: o principal obstáculo para o renascimento africano. In: DIOP, Babacar Mbaye; DIENG, Doudou. **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014. (Coleção: Reler África).

CESAIRE, Aime. **Discours sur le colonialisme**. Paris: PA, 1955, p. 41.

DIOP, Cheikh Anta. **Les fondements économiques et culturels d'un État fédéral d'Afrique Noire**. Disponível em: <http://www.cheikhantadiop.net/> Acesso em: set. 2023

DIOP, Cheikh Anta. L'unité d'origine de l'espèce humaine. In: UNESCO. **Colloque "Racisme, Science et Pseudo-Science"**, Athènes, 1982, p. 137-141.

DIOP, Cheikh Anta. Prefácio ao livro de Mahtar Diouf. In: DIOUF, Mahtar. **Economic Integration: African Perspectives**, 1984.

DIOP, Cheikh Anta. "Apports et perspectives culturels de l'Afrique". **Présence Africaine**, n. 8/9/10, 1956, p. 342.

DIOP, Cheikh Anta. **Anteriorité des civilisations negres: myth ou vertié historique?** Paris: Présence Africaine, 1967.

DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization: Myth or Reality**. Lawrence Hill & Co., 1974.

DIOP, Cheikh Anta. **Civilization or Barbarism: an authentic anthropology**. Translated by French by Yaa-Lengi Meema Ngemi. Lawrence Hill Books, 1991.

DIOP, Cheikh Anta. **L'Afrique Noire précoloniale: l'étude comparee des systèmes politiques et sociaux d'Europe e de l'Afrique Noire**. Paris: Presence Africaine, 1961.

DIOP, Cheikh Anta. **Les Fondements culturels et d'un industriels futur Etat fédéral d'Afrique Noire**. Paris: Presence Africaine, 1960.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations negres et cultures: de l'Antiquité Nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire aujourd'hui**. Paris: Presence Africaine, 1955.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra**. Luanda: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

DIOP, Cheikh Mbacke. As Origens Egípcias da Civilização Africana. Cheikh Anta Diop: vida e obra. In: DIOP, Babacar Mbaye; DIENG, Doudou. **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014. (Coleção: Reler África).

ELA, J.M. **Cheikh Anta Diop ou l'honneur de penser**. Paris: L'Harmattan, 1989,

HEGBA, Meinrad. L'Homme Vit Aussi de Fierté. **Présence Africaine**, n. 99/100, p. 19-40, 1976.

HERÓDOTO. **The History of Herodotus**. Traduzido por George Rawlinson. New York: Tudor, 1928.

HEGEL, G. W.F. **Lectures on the Philosophy of History**. Translated by J. Sibree. London: George Bell and Sons, 1902.

KI-ZERBO. **História Geral da África**. Vol. I. Unesco/ Mec, Brasília, 2010.

MBELEK, Jean Paul. A história das ciências e das técnicas na África negra 167.183 in: DIOP, Babacar Mbaye; DIENG, Doudou. **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014. (Coleção Reler África).

OBENGA, Théophile. Cheikh Anta Diop et les autres. **Présence Africaine**, n. 105/106, p. 29-44, 1978.

OBENGA, Théophile. **Cheikh Anta Diop, volney et le sphinx**: contribution de Cheikh Anta Diop à l'historiographie mondiale. Khepera, 1996, p. 27-28.

OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de (trad.) **Panorama histórico da vida, do pensamento e da obra de Cheikh Anta Diop**. Recife: Ed. UFPE, 2019.

OLIVEIRA, Augusto de Sá. Música e Cultura Popular: Olodum, Pelourinho e Imaginário. In: **V Seminário de Pesquisa da FACOM**, 2000.

REIS, Raíssa Brescia. Entre cultura, solidariedade internacional e “mundo negro”: a negociação de sentidos na *Présence Africaine* (1955-1956). *Afro-Ásia*, n. 62, p. 223-269, 2020.

RODRIGUES, João Jorge Santos. **Olodum**: uma estrada da paixão. Salvador , Bahia: Edições Olodum, 1996.

Recebido em 07 - 06 - 2023

Revisado em 06 – 09 - 2023

Aprovado em 12 – 09 - 2023